



Um Deus...

Que desejou
nascer humano

Que se fez
comida



Copyright © 2023 de Jeverson Santana

Todos os direitos reservados. Esta obra ou qualquer parte dela não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa do autor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha.

Primeira edição, Goiânia-GO. 2023.

ISBN 978-65-00-76341-6

jeversonsantana@gmail.com



ÍNDICE

Apresentação:.....	4
Introdução:.....	6
A história humana e seus deuses.....	9
Um Deus que se fez homem? Nascido de uma mulher?.....	22
Como tenho me relacionado com meu Deus?.....	33
O que peço a meu Deus?.....	37
O homem de hoje e seus deuses.....	39
A proposta de Jesus Cristo.....	42
O que nos condena, não é a lei, mas a cruz.....	46
Como não crer em um Deus assim?.....	51
Um deus que se faz alimento?.....	61
Jesus cristo, poderia ter agido diferente?.....	67
Deus é o amor (1 jo 4,8).....	72
Sobre o Autor.....	78

Apresentação:

A obra propõe uma chave de leitura que visa refletir acerca da compreensão da revelação e manifestação do amor de Deus em, e por meio de Jesus Cristo. O Mistério Revelado. Isso, não apenas a partir dos dados contidos na Sagrada Escritura, mas, a partir deles, sugerir uma reflexão além do texto, novas perspectivas acerca desta mensagem salvífica como, por exemplo, refletir sobre a aceitação de Jesus em padecer e morrer numa cruz.

A reflexão vai além do “está escrito na Bíblia” embora, todo conteúdo está, obviamente, nela, contido. Também não se trata de uma “defesa” de um posicionamento religioso, as reflexões, são destinadas a proporcionar ao leitor uma reflexão pessoal sobre quem é Jesus Cristo e o quanto Ele nos comunica Seu amor.

Outra questão igualmente profunda é a reflexão acerca do motivo pelo qual Deus quis nos salvar e, porque optou por fazê-lo em meio a tantas dores.

Há muitas questões no decorrer das páginas seguintes, algumas poderemos juntos refletir sem, contudo, exaurir todo seu conteúdo, outras, porém, devido nossa limitação, jamais poderemos chegar ao conhecimento de tais verdades.

O texto central trata-se de o quanto somos queridos por Deus que, durante toda nossa história, não mediu esforços para comunicar seu imenso amor a nós, suas criaturas. Todo enunciado foi colhido das reflexões acerca da Paixão de Jesus Cristo.

A novidade sempre e eternamente será esta: Deus nos ama e somos chamados a ser seus filhos. Esta novidade, esta revelação, a comunicação desta “relação” entre Deus e suas criaturas se concretiza plenamente em Jesus Cristo que, por meio de sua vida, de provas concretas, comunicou o amor do Pai a todas as criaturas.

Nosso resgate somente foi possível devido as graças a nós concedidas por meio da Paixão de Jesus Cristo, sem Ele, jamais poderíamos dizer que amamos a Deus e, muito menos, poderíamos chamá-lo de Pai. Este é o resgate, abriu-nos novamente uma porta que dá acesso ao Pai, a qual, antes, havíamos fechado em definitivo devido a nossos pecados, porque rejeitamos Sua convivência, seu amor.

Introdução:

O homem é um ser limitado, muitos dizem que nem chegamos a utilizar nossa capacidade racional satisfatoriamente. Todavia, o homem, é o único ser capaz de perceber, de acreditar, de refletir sobre sua própria morte, sobre um ser superior, sobre um deus, um deus que lhe possa ouvir, que lhe possa atender em suas necessidades pessoais e, em alguns poucos casos, em suas necessidades sociais. Esse ser superior foi sempre buscado na história do homem, todavia, quanto mais se buscasse esse deus, mais ele se fazia distante, morando em um alto monte, morando nos céus, ou, no fundo do mar, ou, nas estrelas.

Esta capacidade, melhor dizendo, esta inclinação, a encontrar um deus, deixou o homem, à deriva, sem nada encontrar e, chegou a “produzir” algo que o pudesse substituir. Isso ocorreu quase em todos os povos da antiguidade e obviamente, resultou na possibilidade de existência de vários deuses.

Nos textos bíblicos encontramos no Antigo Testamento um relato acerca da “passagem” da percepção de muitos deuses para apenas um só Deus. Do politeísmo ao monoteísmo. Os relatos nos dão conta que o Deus criador, de forma muito cuidadosa e simples, foi se revelando a seu povo escolhido e estabelecendo com este povo uma nova “relação” entre Deus e seus seguidores.

Já no Novo Testamento, temos a concretização desta revelação, que ocorre por meio de Jesus Cristo, o qual, desde sua concepção, do nascimento, vida pública, de sua paixão, morte e ressurreição, revelou-nos a “face de Deus” e o quanto este Deus deseja conosco estar e permanecer.

Sim, todavia, Jesus Cristo, sendo Deus, e ele o é, não poderia ter um “plano” diferente, um que ele não tenha que se humilhar, nem sofrer, nem morrer por nós? Ele é Deus, tudo pode. Por que então não foi diferente?

Esforcemo-nos para nunca mais pecarmos, não porque este é um preceito com força de lei, mas buscando corresponder ao amor que Deus nos transmitiu. Recusar este amor, é ignorar a própria missão de Jesus e tudo que ele sofreu por cada um de nós em particular e, ainda o sofre.

Certamente, todos somos imperfeitos, mas, mesmo o sendo, sabemos reconhecer o bem que nos fazem, o quanto fomos amados por nossa mãe, nosso pai, nossos irmãos, nossos amigos. Acaso não poderíamos dedicar semelhante amor e agradecimento a um Deus que nos amou a ponto de deixar-se morrer numa cruz para nos resgatar, ou seja, para podermos novamente amá-lo e conhecê-lo?

Eu e você não fomos convidados a uma batalha contra outras pessoas, mas, para em busca do amor, combater nosso próprio egoísmo e irradiar o amor por

onde quer que andemos. O amor de Jesus Cristo, não o nosso amor.

Jesus decepcionou seus seguidores, pois sua proposta de salvação não era política, nem conferiria superioridade a seu povo eleito perante a derrota de outros povos.

Nosso convite é para sermos servos uns dos outros, é para sermos instrumentos na mão de Deus que, por tanto amor revelado, este instrumento não deve ser um machado, mas um olhar que comunica o amor de Deus Pai.

A história humana e seus deuses

Mais que em qualquer outro tempo, a razão tornou-se fundamento, onde as ciências, a nanotecnologia, a robótica, a evolução e reinvenção dos meios de comunicação, o comércio eletrônico, o multiverso, a Inteligência Artificial, estas evoluções proporcionaram modificações de tamanha relevância e velocidade nos seres humanos e suas relações que é comum as pessoas afirmarem que não acreditam que Jesus Cristo tenha tido uma existência real conforme os relatos dos livros do Novo Testamento. E, mais ainda, tantos mais alegam que não há fundamento algum, sob a ótica da razão, que os fatos narrados no Antigo Testamento tenham realmente ocorrido.

A humanidade desde suas raízes têm feito desenhos e estátuas de deuses e colocado neles suas esperanças. Aquelas divindades eram, quase sempre, escolhidas segundo a cultura local e cultuá-las era própria de determinado povo, pois, assim, viam em seus deuses um defensor. A escolha, portanto, não era livre e sempre seguia determinada cultura e época e, às vezes, esta “opção” era resultado de imposição política por reis e imperadores que perceberam na prestação de culto uma forma de manter o povo apaziguado.

Impressiona a quantidade de deuses cultuados antiguidade e, para auxiliar nas reflexões seguintes, mencionarei alguns deles, sem nenhuma pretensão

comparativa e com o devido respeito para, apenas para termos uma noção, uma ideia de como eram os cultos entre aqueles povos e, ainda, o mais importante, o valor que o politeísmo significava naquela época para todos os povos ficando, com isso, evidente as razões que levaram àqueles povos a terem uma grande dificuldade em aceitar a crença em um único deus.

Abaixo a relação de alguns dos deuses da mitologia grega, segundo a qual, moravam no monte olimpo, na Grécia.¹

- Zeus; O deus do trovão, dos raios e relâmpagos. Zeus tinha um grande desejo sexual, teve muitas mulheres, vários filhos. A principal mulher era Hera. Ele era o líder dos deuses do Olimpo, o deus responsável pela terra e céus;

- Hera; Mulher de Zeus, era a deusa da maternidade. Ela era ciumenta, vingativa e forte. Tinha ciúmes de toda mulher que se aproximava do marido, e agia com violência e vingança diante de cada mulher, amante ou paixão do marido, bem como com os filhos que nasciam da união de Zeus com elas;

- Poseidon; O deus dos mares, era o irmão mais velho de Zeus, o mais tranquilo, segundo algumas versões da mitologia. Ele governava os oceanos, permitia ou desfazia tsunamis e tempestades marinhas. Poseidon mandava nos peixes, nas baleias e demais animais marinhos;

¹(<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/deuses-do-olimpo>)

- Atena; A deusa grega Atena era uma das mais belas, deusa da sabedoria e da guerra, nasceu do primeiro amor de Zeus, Métis. Métis também era a deusa da sabedoria, podia se transformar em qualquer animal, o mesmo poder que Zeus tinha. Quando o deus do trovão soube que ela estava grávida, com medo de que se fosse homem, ele lhe tomasse o trono, desafiou Métis a virar um mosquito. Ela, sem saber da maldade, assim fez para poder ganhar. Ele engoliu a mulher. Ela e Atenas ficaram dentro de Zeus por anos. Quando conseguiram sair, Atenas já estava adulta, liberta já com armadura e mostrando-se mais forte que o, até então único, deus da guerra – Ares;

- Ares; O deus da guerra, que ao contrário de Atenas que era bondosa, via prazer no sofrimento alheio. Ares gostava de brigas e de ganhá-las. Ele podia matar um mortal apenas com um grito;

- Deméter; Deméter era a deusa das plantas, terra cultivada e das estações do ano. Ela era a mãe de Core, filha que teve com Zeus. Essa filha foi raptada por Hades, o deus do submundo. Após o rapto, Core tornou-se Perséfone;

- Apolo; Música e caça eram seus dons divinais. Apolo sempre estava com sua irmã, voando sem asas, com seu arco e flecha. Era filho de Zeus com Leto, irmão gêmeo da deusa Ártemis;

- Ártemis; A deusa da noite clara, era uma arqueira. Virgem e protetora das meninas indefesas. Ártemis era uma bela caçadora que não queria se entregar aos deleites sexuais, queria se destacar por seus dotes com o arco e flecha;

- Hefeso; O mais feio dos deuses do Olimpo, Hefesto era o arquiteto do palácio do Olimpo. Muitas armas foram forjadas por ele, inclusive a de Zeus, que era seu pai. Sua mãe era Hera.

E havia muitos outros mais...

Como naquela região havia, ainda, uma grande predominância dos egípcios, este povo também possuía seus deuses, na verdade, mais de 2.000 divindades, tais como Amon-Rá, Osíres, Ísis, ...

Temos também a grande influência dos povos romanos da Antiguidade que eram politeístas, ou seja, acreditavam em vários deuses, como, por exemplo, Júpiter, Juno, Marte, Diana e muitos outros.

Por sua vez, a mitologia nórdica ou germânica foi desenvolvida nos países escandinavos, ou nórdicos, como as atuais Suécia, Noruega, Finlândia, Islândia e Dinamarca, as quais também possuíam seus próprios deuses, como Ofin, Freyr, Frigga e muitos outros.

Obs. O mencionar das divindades acima, não pretende, de forma alguma, nenhum tipo de objeção, são apenas mencionados como fator didático e histórico como a própria história da humanidade.

Diante da apresentação de apenas algumas das principais divindades cultuadas na antiguidade, podemos perceber algo, relativamente em comum, entre elas, pois tinham uma imagem ou uma forma que as representava,

possuíam a imortalidade, possuíam poderes específicos e eram invocados perante algum tipo de ameaça.

O ser humano realmente aparenta ter essa necessidade de crer em um ser superior, imortal, em alguém que possa governar eternamente, que possa socorrê-lo em suas necessidades.

Ora, se sou um soldado do exército do rei e, comumente, me dirijo a batalhas onde a morte parece estar muito próxima de mim, tenho, por inclinação natural, o costume de orar a um deus da guerra. Se sou um lavrador e necessito da terra, preciso também da chuva, ou, mesmo, da luz constante do sol, minhas necessidades são voltadas para a natureza e a seu respectivo deus e, em caso de doença, rogar ao deus da saúde.

Neste sentido notamos que a definição de deus para os povos antigos nasceram das próprias necessidades humanas, ou seja, em outras palavras, foi criado pelo homem para satisfazer as necessidades do próprio homem em sua vida cotidiana, não existindo, porém, nenhuma relação entre este homem e seu deus, a quem acreditava-se que seria ouvido.

O fato mais interessante disso é quando um reino luta contra outro e, um povo ora a seu deus pedindo a destruição de seus inimigos. Fica claro que não se trata de um ser supremo universal, que não reina sobre todos os homens, pois, se assim fosse, ele não poderia

destruir um grupo de pessoas visando atender o pedido doutro grupo.

Outro fator importante é que ninguém era obrigado, salvo determinação do rei, a servir, um determinado deus, ou, exclusivamente, a somente um deus e, portanto, eu poderia ser um seguidor de vários deuses sem que isso pudesse lhe qualificar como infiel.

A imagem tida de tais deuses era sempre a de um ser superior, que vive no infinito dos céus, no mais alto das colinas, nas profundidades do mar, imortal, todopoderoso, e esta superioridade não permitia nenhum tipo de relacionamento com o ser humano diferente como a de um súdito, o homem era apenas um reles mortal, um ser infinitamente inferior criado unicamente para servir tais deuses com suas preces e oferendas que, muitas vezes eram holocaustos.

Em nome de seu deus, cada povo, poderia se levantar em guerra contra outro povo, matando-os desde mulheres e crianças, tomando-lhes suas propriedades e fazendo-os, aos sobreviventes, exilados como escravos.

Em meio a estes relatos, surge então a proposta de existência de um deus que não pode ser visto, que não permite imagens suas, que sempre existiu e que é criador de todas as coisas, que não admite idolatria e também que possa atender às necessidades de seu povo. Surge então o Deus de Isac, Abraão e Jacó, temos presença no mundo de Yahweh (eu sou) Ex 3 14-15.

Este povo escolhido pôde caminhar com seu Deus e, vejam bem, isso é importante, de agora em diante, o politeísmo não seria mais permitido, ou seja, agora o culto de adoração admitiria apenas a crença em um único Deus e, ainda, este mesmo Deus passou a desenvolver uma história de salvação a partir desta experiência de encontro deste único Deus com seu “único” povo eleito.

Naquele momento podemos notar que o primordial era o resgate da percepção do povo da crença da existência deste Deus, do único e verdadeiro Deus, pois o povo em geral estava já muito habituado a ver inúmeros deuses expressados por suas imagens e símbolos, os quais eram divulgados pelos chefes das nações que, haviam se esquecido da existência de seu Deus criador, do qual ninguém falava e não havia imagem alguma.

Ainda sobre este importante momento, refletimos sobre as várias vezes em que o povo eleito passou pelo exílio. Imaginemos que o povo paulista, todo ele, deveria abandonar suas residências e bens e migrar para o interior de Minas Gerais para, os homens trabalharem em lavoura e serviços braçais, as mulheres, como serviçais nas casas disponíveis, as casas e bens dos paulistas eram confiscados pelos mineiros que, passavam a serem os proprietários legítimos daqueles bens e, então, firmavam residência assumiam seus comércios e constituíam novas famílias, mineiras nascidas em São Paulo. Por sua vez, os paulistas exilados em Minas também constituíam novas famílias, em território mineiro, o que daí resulta num “povo